

Cultura Afro-Brasileira e Cultura Indígena *

(Fonte: * Selo UNICEF. Guia de orientação para os municípios. Elaboração CEAFRO (Educação e profissionalização para Igualdade Racial e de gênero). Edição 2008. Pág. 6 à 17.)

1. O que é a Cultura Afro-Brasileira e Indígena

A força da cultura de negros/ as e indígenas pode ser vista em todos os momentos cotidianos da vida. Nos seus modos diversos de falar, andar, comer, orar, celebrar e brincar, estão inscritas as marcas civilizatórias desses povos que, ancorados na dimensão do sagrado, celebram e respeitam a vida e a morte, mantendo uma relação ética com a natureza. É através destas formas cotidianas de se expressar e de ver o mundo que indígenas e afro-brasileiros/as têm resistido culturalmente na manutenção de sua história.

A importância de crianças e adolescentes, independente da raça, etnia ou cor da pele, serem estimuladas a reconhecer e valorizar as identidades culturais da sua região – que podem estar presentes em quilombos, terreiros, aldeias, bairros populares, assentamentos e outros territórios – é que elas podem se orgulhar de que a cultura da sua localidade integra a diversidade que caracteriza a cultura brasileira.

Cultura, como sabemos, é tudo que as pessoas lançam mão para construir sua existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos. A cultura é um patrimônio importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar, e vai passando e sendo recriada, de geração em geração. É a cultura que nos diz em que acreditar, influencia os nossos modos de ser e estar no mundo, de agir, sentir e nos relacionar com o natural e o social.

Como são e como vivem as pessoas de cada município? Como se relacionam com as culturas indígena e afro-brasileira? Como lembram os antepassados, quais suas lutas para sobreviver, seus valores, crenças, suas formas de lazer?

As culturas de origem africana e indígena possuem uma diversidade enorme, mas, de modo geral, é possível identificar algumas características bastante semelhantes. Trata-se de povos que incluem crianças, jovens, adultos/ as, idosos/as, preservam a vida natural e social, se organizam por meio da participação coletiva, se juntam em torno de objetivos comuns... Mas, os modos como vivenciam essas experiências variam bastante.

A dimensão sagrada é outra característica importante. Possuem vários deuses e deusas – a lua, a água, o sol, as plantas; acreditam no poder de cura desses elementos, sempre relacionando corpo físico e espiritual.

* Selo UNICEF. Guia de orientação para os municípios. Elaboração CEAFRO (Educação e profissionalização para Igualdade Racial e de gênero). Edição 2008. Pág. 6 à 17.

Nestas sociedades, o ensinar/aprender está muito presente. Historicamente, essas sociedades foram atingidas por diversas formas de violência física e cultural, ameaças de dissolução e deformação. Por isso, é tão importante trazer à tona suas histórias e culturais, nem sempre valorizadas e reconhecidas como deveriam.

Importante também é observar como as pessoas de mais idade ou as envolvidas nas religiões de matriz africana e indígena elaboram visões de mundo, a partir das suas vivências e sentimentos. Isso é um legado, um patrimônio, uma herança, “bens de família”, uma memória.

Ouvindo as histórias das pessoas mais velhas, se conhecem mais as tradições, identifica-se um patrimônio que se perpetuou e se recriou nos mais diversos contextos e situações. Assim, independente da forma como são denominados ou se autodenominam na região – negros/ as, índios/ as, caboclos/ as, sertanejos – as influências indígenas e afro-brasileiras podem estar presentes nas suas formas de ser e viver, embora isto nem sempre seja explicitamente mencionado.

2. Identidade, Ancestralidade e Resistência: Marcas das Culturas Indígenas e Afro-brasileiras no Brasil

Identidade indígena e identidade negra têm a ver com as tradições desses povos, encontradas nas memórias, nas manifestações artísticas e religiosas, muitas vezes recriadas ou reinterpretadas em função dos contextos socioculturais onde ocorrem. Assim, em cada região ou município, essas culturas apresentam características distintas, que formam uma identidade étnico-racial. Crianças e adolescentes no Semi-árido, portanto, possuem identidades diferenciadas. Daí a necessidade de procurar perceber as muitas formas como a identidade indígena e a identidade negra se apresentam na cultura do município.

A ancestralidade – respeito aos que existiram e aos que virão – consiste numa relação equilibrada entre o passado, o presente e o futuro, remetendo para a valorização das pessoas que nos antecederam, suas lutas, suas histórias e o papel das gerações atuais na continuidade de seus feitos, transmitindo a um tempo futuro aquilo que fizeram e tiveram de melhor.

A resistência mostra o processo de luta pela sobrevivência física e cultural dos povos indígenas e negros no Brasil, por meio de práticas sociais, políticas, culturais e religiosas, fazendo com que se mantivessem conhecimentos ancestrais próprios que fortalecem a identidade étnico-racial.

3. Expressões Culturais Afro-Brasileiras e Indígenas

O selo Município Aprovado 2008 está dando visibilidade às formas como indígenas de diversas etnias e afro-brasileiros, em modos de vida também diferenciados, têm preservado suas culturas, através de diversas expressões e linguagens, destacando-se grupos de hip-hop, capoeira, blocos carnavalescos, afoxés, maracatus, bumba-meu-boi, caboclinhos, ternos de reis e muitos outros eventos, histórias, personalidades da cultura brasileira, como exemplificado nos quadros a seguir.

EVENTOS compreendem festas, festivais, acontecimentos, apresentações teatrais, de dança, recitais, poéticos, exposições de artes plásticas; bumba-meu-boi, maracatus, reinados do congo, afoxés maculelê, ternos e folias de reis, tambor-de-crioula, cantos de trabalho, ritos de passagem, casamentos, cantorias, cordel, quadrilhas juninas, sambas, que tenham a cultura negra e/ou indígena evidenciada.

OFÍCIOS E MODOS DE FAZER são processos de trabalho e produtos obtidos, próprios do município ou da região e que são característicos do viver, celebrar, conviver, cuja origem e história se baseiam nas civilizações indígenas e/ou africanas. Estas expressões culturais podem ser encontradas nas artes e no artesanato, na fabricação de instrumentos e outros objetos de uso religioso, na culinária. São exemplos: cerâmica, cestarias, cocares, pinturas corporais, ferramentas de orixás, carranca, acarajé, panos-da-costa, penteados, trançados e outros.

MITOS, CONTOS, HISTÓRIAS são contados, geralmente, pelas pessoas mais velhas, que conhecem a história e a cultura e têm prazer de repassar aos que não vivenciaram, os quais passam a conhecer e se orgulhar de seu pertencimento étnico-racial. A memória cultural de uma localidade é o maior bem que ela possui. É a tradição oral que faz este bem circular, ganhar mundo, organizando a vida, as idéias, mantendo e preservando a riqueza cultural de um povo. Isto faz parte da cultura de cada localidade, mostrando o jeito como as pessoas se relacionam, se vinculam ao passado e à tradição, dando continuidade à existência. Nas culturas indígena e negra, essas histórias são a forma principal de transmissão e preservação do conhecimento e da sua cultura, que assim têm resistido, com o passar do tempo, à massificação e suas tendências uniformizantes e descartáveis.

LUGARES E CONSTRUÇÕES são espaços construídos ou naturais, como terreiros, territórios quilombolas, aldeias e reservas indígenas, mercados, feiras, rios, cachoeiras, praias, mangues, açudes, que traduzem a experiência afro-brasileira e indígena no município e são testemunhos de passagens importantes da história local.

HISTÓRIAS DOS LOCAIS E DOS TERRITÓRIOS são narrativas que contam um pouco da vida do município e /ou de uma comunidade específica, resgatando suas origens, como surgiu, se existe há muito tempo, quem foram seus pioneiros, se já foi maior, se já pertenceu a outro município etc., além de explicações sobre como o município se encontra atualmente e também a história dos seus bairros, comunidades e distritos.

LIDERANÇAS E PERSONALIDADES são pessoas que têm um trabalho reconhecido por grande parte da população. Geralmente, são grandes líderes religiosos, artistas, com conhecimentos importantíssimos e enorme experiência de vida, que se incumbem de representar e cuidar de seu povo e repassar os modos de celebração e de cura aprendidos de seus ancestrais, como caciques, mães e pais de santo, pajés, guerreiros e outros.

INTUIÇÕES, ENTIDADES E LOCAIS representativas da população indígena e negra do município, tais como: associações e grupos culturais ou comunitários – filarmônicas, grupos de folguedos, danças populares – terreiros, organizações não governamentais, etc. Esta área permite perceber o grau de organização popular no município, quem são as lideranças, o reconhecimento dos trabalhos realizados por essas organizações.

EXPRESSÕES E VOCÁBULOS locais e regionais são expressões lingüísticas de origem indígena e africana que permanecem no falar cotidiano do povo, sua linguagem específica e seus mais diversos significados.

As formas de participação nessas expressões culturais são mais coletivas que individuais. As atividades de identificação, escolha e registro da expressão, fiéis a este princípio de participação, envolverão professores e professoras, alunos e alunas, lideranças culturais e religiosas, reconhecendo o valor e a legitimidade, não só das expressões culturais, mas das pessoas e civilizações que as geram.

Expressões culturais afro-brasileiras e indígenas buscam fortalecer a identidade étnico-racial; promovem a auto-estima e a autoconfiança de negros e negras e de indígenas; têm forte relação com a memória e a tradição oral; resgatam processos de luta e resistência, valorizam e mostram os feitos dessas populações; trazem aspectos negados dessas culturas.

4. Cultura e Educação das Relações étnico-raciais

É muito importante que as crianças e adolescentes do Semi-árido tomem conhecimento de suas culturas locais, como parte integrante da cultura da nação brasileira, que se empenhem na sua valorização, sobretudo a partir das escolas onde estudam, atendendo ao que determina a legislação específica em vigor.

A Lei 10. 639/03, por exemplo, é da maior importância, na medida em que altera a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ao instituir a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo, em todos os sistemas e modalidades de ensino do país.

Entre a população indígena, a luta maior é por uma educação escolar diferenciada, que respeite a sua diversidade cultural e lingüística, garantida pela Constituição de 1988 e pela Resolução 03 da Câmara de Educação Básica – CEB, de novembro de 1999.

Segundo o Censo Escolar de 2003, existem 149.311 estudantes indígenas que freqüentam a educação básica no Brasil, em mais de 2000 escolas indígenas.

Indígenas e afro-brasileiros ainda são vistos na escola de forma preconceituosa e estereotipada, ou seja, sem respeito a suas características étnicas e culturais. Dois documentos podem ajudar a

comunidade e a escola a mudar essa visão, com uma abordagem que garanta os direitos educacionais e culturais dessas populações. Esses documentos são o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

As políticas públicas para o Semi-árido deverão estar comprometidas com a superação das desigualdades raciais na região, a partir da escola e de seus principais agentes – professores e alunos – para que educação e cultura caminhem juntas na promoção da igualdade e da justiça social.

PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO SOBRE AS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS *

Para ler: Didáticos e pára-didáticos

ALMEIDA, Gercilga de. Bruna e a galinha d 'Angola. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

CHAIB, Lídia. Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias de orixás. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

COOKE, Trish. Tanto, tanto. 3ª edição; São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Heloisa Pires. Histórias da Preta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Maria Ana. Menina bonita do laço de fita. 7ª edição; São Paulo: Ática, 2001.

MADU, Costa. Meninas negras. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

MURAT, Heitor Luiz. Morandúbetá. Fábulas indígenas. 7ª edição; Belo Horizonte: Editora Lê 1998.

PRANDI, Reginaldo. Os príncipes do destino; histórias da mitologia afro-brasileira. São Paulo: COSAC e NAIFY, São Paulo 2001.

Para consultar: Legislação

BRASIL. Constituição (1988). Artigos 215, 216 e 217_____. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n.8242, de 12 de outubro de 1991. 3. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p. (Série fontes de referência. Legislação; n. 36).

_____. Ministério da Cultura. DECRETO 3551/2000 – Disponível em : http://www.cultura.gov.br/legislacao/direitos_autorais/legislacao/index.php?p=1082&more=1&c=1&pb=1. Acesso em 24 de setembro de 2007.

_____. Ministério da Cultura. Inventário nacional de referências culturais – manual de aplicação. IPHAN, 2000. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00096-PT.pdf>. Acesso em 24 de setembro de 2007.

_____. Presidência da República. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: http://www.sinprosp.org.ber/arquivos/especiais/LEI_No_10639.pdf. Acesso em 24 de setembro de 2007.

_____. Declaração universal sobre a diversidade cultural 2002. Disponível em: www.unesco.org.br. <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em 24 de setembro de 2007.

_____. Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais 2005. Disponível em: www.unesco.org.br. Ou <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>. Acesso em 24 de setembro de 2007.

Para ler: Textos de Fundamentação

ALMADA, Sandra. O saber indígena. Cadernos do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, v.19, n. 178, p. 4-7, out. 1994.

ALVARES, Myriam Martins. A educação indígena na escola e a domesticação indígena da escola. Boletim do MPEG: Série Antropologia Belém: MPEG, v.15, n.2, p.223-51, dez.1999.

ANDRADE, Maria Márcia Moura Brito. Povos indígenas: tradições, usos e costumes merecem ser resgatados na escola. Ver. Do Professor, Rio Pardo: s.ed., v.12, n.46, p.9-11, abr./jun.1996.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Cidadania em preto e branco: discutindo relações raciais. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC-SECAD/SEPPIR/INEP, 2005.

_____. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação Escolar Indígena: a diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Brasília: MEC/Secad, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoindigena.pdf>. Acesso em 24 de setembro de 2007.

EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA: CAMINHOS ABERTOS PELA LEI FEDERAL Nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

GERLIC, Sebastián. Índios na visão dos índios. Águia Dourada Organização Multicultural Indígena do Nordeste. (200-)

EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA: CAMINHOS ABERTOS PARA LEI FEDERAL Nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

GERLIC, Sebastián. Índios na visão dos índios. Águia Dourada Organização Multicultural Indígena do Nordeste. (200-1)

LODY, Raul Giovanni da Mota. Atlas afro-brasileiro: cultura popular. Salvador: Edições Maianga, 2006.

MUNANGA. Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. Brasília: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC),2006.

KISHIMOTO, T.M Brinquedos e brincadeiras indígenas. Artesanias de América, Quito: s.ed., n. 44, p.87-98, ago. 1994.

KISHIMOTO, T.M Crianças indígenas brincam assim. Nova Escola, São Paulo: Fundação Victor Civita, v. 9, n.74,p.22-3,abr.1994.

SANTOS. Milton. Da cultura à indústria cultural. In RIBEIRO, Wagner Costa (Org, Apresentação e notas). O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania/Milton Santos. Ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. – São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Donisete B (Orgs). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1005.

Souza, Ana Lúcia Silva (et al...). De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

Para assistir

Kiriku e a Feiticeira. Direção: Michel Ocelet. França/Bélgica, Cult Filmes, 1998

Livros animados da série A Cor da Cultura do canal FUTURA.

Para visitar

<http://www.funai.gov.br>
<http://www.djweb.com.br/historia>
www.visaodosindios.com.br
www.acordacultura.org.br
www.isa.org.br
www.coiab.com.br
<http://www2.ufba.br/~pineb/links.html>
<http://www.cimi.org.br/>
<http://www.socioambiental.org/>
www.portalafro.com.br
www.irohin.org.br
www.pallaseditora.com.br
www.mazzaedicoes.com.br

* Fonte: Selo UNICEF- Guia de orientação para os municípios. Elaboração CEAFFRO (Educação e profissionalização para Igualdade Racial e de gênero) Edição 2008.